



RECENSÃO

*Angola Imaginada:
Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela,
de Alexandra Santos,
por Ramon Sarró*

Análise Social, LVI (1.º), 2021 (n.º 238), pp. 191-193

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021238.09>

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021238.09>



SANTOS, Alexandra

Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela,
Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2019, 323 pp.

ISBN 9789726715276

Ramon Sarró

A história cultural de Angola apresenta duas características realmente notáveis. A primeira é o papel desempenhado por autores literários (alguns de origem portuguesa, mas que cresceram na colónia) na construção do Estado-nação (mais da nação do que do Estado): Manuel Rui, Manuel dos Santos Lima, Henrique Abranches, José Eduardo Agualusa, José Luandino Vieira e, claro, Pepetela, pseudónimo de Artur Pestana. Estes autores, fortemente anticoloniais e politicamente comprometidos, encheram o país com um imaginário histórico e cultural (e, até certo ponto, mítico) que permitiu aos cidadãos da nação identificarem-se uns com os outros e com um projeto nacional. A segunda é o facto de muitos escritores de ficção do país terem tido formação académica em ciências sociais: Oscar Ribas, Henriques Abranches e Rui Duarte de Carvalho eram antropólogos, Pepetela um sociólogo. A hibridação tipicamente angolana entre ciências sociais, ficção e *nation-making* é uma característica que sempre achei que devia ser aprofundada pelos estudiosos do país e que torna livros como o que comentamos agora particularmente necessários.

O livro de Alexandra Santos não é uma análise da relação entre a literatura,

as ciências sociais e a nação em geral, mas uma análise concreta da obra de Pepetela (ou parte da sua enorme obra), centrada principalmente em quatro romances: *Mayombe* (escrito no início dos anos 1970, mas só publicado em 1980), *Yaka* (1984), *Lueji: O Nascimento de um Império* (1989) e *A Geração da Utopia* (1992). No decorrer da análise, algumas outras obras emblemáticas de Pepetela também são comentadas com algum detalhe, assim como as de alguns outros autores (Luandino Vieira, Santos Lima, Agualusa). A análise dos quatro romances centrais de Pepetela é magistral. A autora resume o argumento (embora sagazmente, sem cair em *spoilers*), analisa as personagens e contextualiza a dimensão social em termos de revolta, mito, violência e utopia. Ao mesmo tempo convida o leitor ou a leitora a mergulhar na leitura destes romances, para querer saber mais sobre estes personagens que desenham o horizonte fictício de Pepetela. Penso que a divisão em tempos é muito apropriada: tempo da negatividade (*Mayombe*), tempo do mito (*Yaka*), tempo do sincretismo (*Lueji*), tempo do *requiem* (*A Geração da Utopia*). Muito apropriada porque, de facto, mostra que, como qualquer outro autor, Pepetela tem

uma trajetória, uma evolução, não só literária, mas também política e ideológica. Além disso, mostra que os tempos mudaram muito em Angola desde os dias em que o jovem Pepetela escreveu *Mayombe* até aos dias em que ele escreveu *A Geração da Utopia* nos anos 90. O projeto inicial do MPLA foi transformado, as alianças políticas internacionais mudaram, a percepção do “inimigo” foi plástica, as relações com outros movimentos de libertação (FLNA, UNITA) foram-se modificando, o elemento “Kongo” da nação foi avaliado de forma diferente em diferentes momentos, etc.

A leitura dos romances de Pepetela é uma das melhores introduções à história de Angola como país africano independente, bem como, de certa forma, à história anterior à Independência, ou pelo menos à relevância que ela tem para a história pós-colonial propriamente dita. Os grandes temas de Angola independente, as diferentes formas de imaginar a nação, os confrontos entre imaginários temporais e territoriais subscritos pelos diferentes grupos políticos são claramente delineados, na sua natureza plástica e mutável, nos seus conflitos, que não só devem ver-se como destrutivos, mas também, em grande medida, e segundo nos ensinou George Simmel no seu estudo inicial sobre o conflito, como construtivos de novas realidades e novas esperanças.

A análise das obras de Pepetela, marcando diferentes tempos (e diferentes relações entre narrativa e temporalidade), é exemplar do ponto de vista da teoria literária e na forma como

nos ajuda a compreender a história de Angola e o papel que a literatura tem tido ao oferecer uma narrativa unificadora e aceitável para o público. Afastando-se da análise da obra literária, oferece muitas pistas teóricas para o estudo da sociologia política do país, distanciando-se muitas vezes do autor principal para traçar o quadro intelectual mais geral, de forma especialmente magistral no capítulo 5 (“Fazer a história disto tudo”: o tempo do *requiem*”). Uma lista erudita de teóricos nos acompanha no caminho, em constante diálogo com Pepetela e com a autora. O fio comum é o papel da imaginação na construção da nação, e aqui é da maior importância enfatizar que a imaginação não se opõe à realidade. Que Angola tem de ser *imaginada* (no sentido de Benedict Anderson) não significa que tenha de ser *imaginária*, no sentido popular de “irreal”. A imaginação é uma faculdade individual, mas também coletiva: através dela geramos comunidade e construímos uma noção de tempo e espaço partilhados. Alexandra Santos escapa a dicotomias simplistas (essencialista vs. construtivista) e pede emprestado tanto a autores “realistas” como Anthony D. Smith, como a autores “invencionistas” como Terence Ranger e Eric Hobsbawm. As excursões teóricas em torno da figura do “inimigo” em Carl Schmitt e seus hermeneutas são profundas e muito interessantes em si mesmas, além de serem invocadas de uma forma muito relevante para tornar o trabalho de Pepetela mais compreensível. A nível teórico, o livro introduz uma vasta diversidade de temas (o papel destrutivo-construtivo da

violência, a ambivalência da etnicidade, a obra da memória, a distinção entre mito e história, a utopia como motor social, a constante reavaliação das lutas de libertação, entre outros). Ao nível de uma sociologia política de Angola, mostra como o país, e sobretudo o partido que o tem governado desde a Independência, tem mudado ao longo das gerações.

O estudo de Alexandra Santos levanta uma importante questão teórico-metodológica (e discute-a profundamente na introdução teórica): qual deve ser a relação entre a literatura e as ciências sociais? A literatura é uma “fonte”, como uma entrevista, uma história de vida, um arquivo? Ou será a literatura um objeto de análise, como seria um movimento social ou político, uma igreja, um grupo étnico, uma mina de bauxite? Ou será a literatura o caminho (quem sabe se é a *via regia*) para entrar no universo de uma sociedade, para *compreender*, no sentido mais fenomenológico da expressão, o mundo vivido pelos seus habitantes? Este caminho parece-me muito frutífero, um complemento ideal à pesquisa etnográfica, histórica ou sociológica. Para entrar no universo Igbo, ler Chinua Achebe pode ser tão ou mais útil do que entrevistar pessoas daquele grupo nigeriano (especialmente porque a geração que Achebe encapsulou em suas obras já não existe). Para compreender a experiência do Islão no Senegal, ler Cheick Amidou Kane pode ser mais penetrante do que ler as obras científicas dos antropólogos da religião. Para compreender a guerra civil na Libéria e na Serra Leoa, ler Amadou Kouruma pode captar

melhor a subjetividade da violência do que muitas análises externas. E para compreender a Angola pós-colonial, ler Pepetela pode ser tão ou mais valioso do que ler alguns dos textos escritos por historiadores profissionais (especialmente os de autores empenhados em escrever a história “oficial” e “objetiva” do país). É claro que é uma fonte parcial, mas todo o conhecimento o é, e sabemos hoje, após três décadas de debate sobre o *partial knowledge*, que a parcialidade não pode ser considerada oposta à verdade. Nas mãos de Alexandra Santos, a análise literária transforma-se em análise cultural, política e histórica, e a teoria social oferece pistas que a história da literatura seria incapaz de nos dar para estudar a fundo o universo social descrito na obra, assim como a intenção social de Pepetela e outros autores também analisados no texto. O estudo constitui uma peça exemplar no uso das ciências sociais como metodologia de crítica cultural, e uma introdução muito original simultaneamente à obra de um dos mais importantes escritores do mundo lusófono atual e à sociologia político-cultural do seu país.

SARRÓ, R. (2021), *Recensão “Angola Imaginada: Nação, Guerra e Utopia na Ficção de Pepetela*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2019”. *Análise Social*, 238, LVI (1.º), pp. 191-193.

Ramon Sarró » ramon.sarro@anthro.ox.ac.uk » Institute of Social and Cultural Anthropology, University of Oxford, UK » 51/53 Banbury Road Oxford, OX2 6PE, United Kingdom » <https://orcid.org/0000-0003-1866-2662>.
